

## PODCAST É CULTURA? AS HISTÓRIAS QUE AS RUAS CONTAM, COM LUIZ ANTONIO SIMAS

### **Gabriela Moulin:**

Quando a gente estuda os livros de História, a gente quase não vê falar sobre os botequins de esquina, as rodas de samba, os terreiros, as quitandas e as biroscas. Imagina se um alienígena chegasse aqui e estudasse esses livros? Não daria nem para imaginar que esses espaços existam. Mas muitos dos grandes eventos da História podem ter começado numa conversa de bar, numa roda de samba, na esquina, numa praça. A gente sabe que as ruas guardam essas imagens, esses aprendizados, disputas, encontros e memórias que dão sentido à nossa vida, à nossa identidade, e para nossa vida em comunidade também. E no Brasil a gente tem a sorte de contar com o trabalho de muitos pensadores interessados em investigar e celebrar essas pequenas histórias do cotidiano, sem as quais os gabinetes e os palácios da grande História nem existiriam.

### **Roberto Romero:**

Pois é Gabi, e uma dessas pessoas é o nosso convidado de hoje no *É Cultura?*, o historiador e escritor carioca Luiz Antonio Simas. O interesse e o prazer que o Simas sente pela história foram despertados pela memória das ruas do Rio de Janeiro no período pós-abolição. Lembrando que a abolição formal da escravatura no Brasil aconteceu em 13 de maio de 1888. Voltando ao Rio, eu arrisco dizer que a gente não precisa ser carioca para conseguir imaginar o espírito rueiro da capital do Brasil naquele momento. Era uma cidade efervescente que testemunhava o início da popularização do samba, do futebol, das macumbas e das rezadeiras. Época também da repressão aos grupos de capoeiras e das rebeliões contra grandes reformas urbanas. Uma cidade que abrigava corpos de festa e de luta. Cada uma à sua maneira, diversas cidades do Brasil também são resultado desse caldo de tradições que atravessaram gerações e continuam se atualizando até hoje, fazendo da rua esse lugar de encontros tão especial e que deixa a gente morrendo de saudades. Então enquanto a gente ainda não pode matar essa vontade de botar o bloco na rua e viver toda a intensidade que ela tem para nos oferecer, vamos tirar um tempinho aqui para fabular a rua na companhia do Luiz Antonio Simas. Mas antes, eu recomendo a você, para não deixar de escutar o primeiro episódio deste ciclo sobre as Fabulações da Rua. Eu sou o Roberto Romero.

### **Gabriela Moulin:**

E eu sou Gabriela Moulin.

### **Roberto Romero:**

E você está ouvindo o podcast *É Cultura?*

Seja muito bem vindo Simas, é um prazer te receber por aqui, a gente acompanha há bastante tempo o seu trabalho e gostamos muito dos seus livros, dos seus textos, das suas falas, dos seus tweets também. E para começar por onde se começa, eu queria começar falando de Exu, pedindo para você comentar, conversar um pouco sobre esse orixá que é senhor das ruas, dono das encruzilhadas, e que nos falasse um pouco sobre quem é, ou talvez fosse melhor dizer quem são Exu, e qual a relação desses orixás com a rua.

### **Luiz Antonio Simas:**

Obrigado gente, pelo convite para participar aqui desse bate papo com vocês. A rigor é difícil definir Exu, porque Exu é um movimento constante, Exu é o dínamo, Exu é o inapreensível. Exu opera, portanto, na imprevisibilidade, Exu é uma energia que opera no surpreendente, naquilo que não é apreensível, cartesianamente. Então fica muito complicado a gente expressar o que seria Exu, já que Exu está presente inclusive na materialidade das ruas. Na esquina, na encruzilhada, Exu está presente no botequim, Exu está presente no terreiro, Exu está presente no estádio de futebol, Exu está presente na praça em que as crianças brincam. Porque Exu fundamentalmente é esse orixá, é essa energia, esse

fragmento inapreensível pela razão cartesiana, que se manifesta nas construções incessantes de sentido de mundo na rua. Exu a rigor é um sistema de organização do mundo, eu gosto muito de dizer isso. Então eu não diria que na encruzilhada você tem a energia de Exu, a encruzilhada é Exu. Exu é a possibilidade de vida, é isso que a gente está vivendo aqui o tempo inteiro, é a palavra que eu estou dizendo, é a saliva que está saindo da minha boca, é você me perguntando, tudo isso é Exu. É um princípio organizador do mundo.

**Roberto Romero:**

Laroyê! E Simas, você cresceu no terreiro, é neto de mãe de santa e você costuma dizer que foi civilizado nessa tradição. Ao mesmo tempo, você se formou como historiador e passou a se dedicar ao que você gosta de chamar de uma “nanohistória” que seria, para lembrar o enredo da Mangueira, “a história que a História não conta”. Eu queria que você falasse sobre a sua formação como historiador e como a sua relação com o ofício foi se transformando ao longo do tempo.

**Luiz Antonio Simas:**

É curioso isso, porque quando eu fui fazer o meu vestibular, eu não tinha a menor convicção sobre o que eu seria ou o que eu deveria fazer dentro de um curso universitário. Então acabei fazendo História muito mais pela convicção que eu tinha do que eu não queria ser. Aliás eu sou um sujeito que, em geral, eu tenho muito mais convicção sobre o que eu não quero do que exatamente sobre aquilo que eu quero. Mas acabou que eu fiz História, entrei numa faculdade de História, mas sem grandes expectativas. Mas dentro da faculdade, acabei me apaixonando, sobretudo pela história da rua. E isso para mim é muito claro, foi muito evidente que o que despertou o meu prazer, minha curiosidade para estudar História foi quando eu comecei a conhecer a história da Revolta da Vacina, e a ligação entre essa revolta e a cidade do Rio de Janeiro. Então aquele Rio de Janeiro do pós abolição, da codificação do samba, do início do processo de popularização do futebol, da repressão às maltas de capoeira, das macumbas cariocas, da rebelião contra a vacina obrigatória, contra o bota abaixo do Pereira Passos. Aquilo de certa maneira se apresentou para mim como alguma coisa que eu queria compreender. E aí a coisa funcionou. E eu nunca tive um interesse especial pela grande História, pela história que se passa nos campos de batalha, nos grandes gabinetes, nos palácios, nas grandes disputas. A minha formação como historiador é uma formação que vai muito no caminho de tentar conferir historicidade àqueles processos históricos e àquelas pessoas que aparentemente não têm. E, ao mesmo tempo, a minha perspectiva de história cruza muito com a literatura. Ela cruza muito com a crônica, ela cruza muito com essa perspectiva também literária. Eu gosto de cruzar esses terrenos diversos, da história, da literatura, da poesia, da música, da cultura popular. E a gente vai fazendo as coisas.

**Roberto Romero:**

Maravilha, e era justamente sobre isso que eu gostaria de te perguntar na sequência, sobre a sua escrita. Porque como escritor, a sua relação com a história, assim como a escrita, é também muito particular. E há em seu texto, me parece, um esforço muito evidente de se aproximar dessa marca da oralidade também, que é uma marca da tradição na qual você foi civilizado. E lendo seus textos, eu frequentemente tenho a sensação de estar conversando com um velho conhecido no botequim, já que você também mencionou o botequim e menciona, no *Corpo encantado das Ruas*, a importância desse espaço do balcão do botequim como um lugar de transmissão de conhecimento, de conversa, de história.

**Luiz Antonio Simas:**

Isso daí é curioso, essa pergunta que você me faz sobre a escrita, porque eu tenho uma dissertação de mestrado defendida. Depois minha opção foi ir para o campo da Educação, foi não fazer o doutorado, e eu confesso que gostei muito de fazer o mestrado, mas não gostei de escrever a dissertação. Porque a escrita da dissertação foi uma escrita muito dura, foi uma escrita muito de

pedra, uma escrita que teve que dialogar com um campo conceitual – que é importante, evidentemente, mas eu não tive prazer. Na verdade, eu me livreí da dissertação. E eu sempre gostei mais de conversar (e isso eu vou falar para você, parece até uma heresia em se tratando de uma conversa com um escritor), mas eu sempre gostei mais de conversar por exemplo, do que exatamente ler. Eu sou um leitor, eu leio bastante, sempre que tenho oportunidade estou lendo, na pandemia então estou lendo para dedéu, mas eu sempre troquei um bom livro por uma boa conversa. Isso eu tenho que te confessar. Então de certa forma, a linguagem coloquial para mim sempre foi uma coisa muito natural. É a linguagem com a qual eu convivo, com a qual eu falo com a minha família desde garoto. Essa coloquialidade então para mim não é nada que demande grandes esforços. E eu não sou exatamente um esteta, estou longe de ser um esteta da palavra. Então a minha literatura, falando da literatura agora, aí sim é propositalmente suja, ela é propositalmente rasurada. E é um detalhe que é curioso também. Eu falo de temas que são temas de certa maneira encantados, quando eu falo da rua, quando eu falo de macumba, quando eu falo de samba... e eu acredito que a temática que você aborda tem que se relacionar diretamente com a prosa que você vai escolher para abordar essa temática. Então eu não me imaginaria, por exemplo, contando a história de uma quitanda, de uma biroasca, de uma rezadeira do Morro do Jacarezinho, com uma linguagem, com um arcabouço cheio de aparatos conceituais. Ficaria um negócio meio forçado demais.

**Roberto Romero:**

Aproveitando ainda essa coisa da escrita, pensando em para quem a gente está escrevendo, quem vai ler o que a gente está escrevendo, e pensando nisso eu fiquei curioso de te perguntar quem você tem em mente quando você escreve?

**Luiz Antonio Simas:**

Quem anda de trem. Eu quero escrever livro que o cara leia no trem. Você pega o *Corpo encantado das ruas*, o *Coisas nossas*, o *Ode a Mauro Shampoo*, o *Pedrinhas miudinhas*, o *Fogo no mato* já é um livro mais pesado, mas é um livro que eu quero que o cara leia no trem. Aquele que você leva, abre no trem, lê uma crônica e tal. Eu gosto de ser lido pela turma que está na rua. Eu escrevi dois anos, três anos, para um jornal muito popular do Rio de Janeiro, o *Dia*, e era ótimo, porque eu ia para a feira e o cara me reconhecia, o quitandeiro me reconhecia, e isso era uma beleza. Depois eu fui escrever para *O Globo*, dava um certo cartaz, mas ninguém mais me conhecia! Os caras ignoravam totalmente. Mas na época que eu escrevia no *Dia* era ótimo.

**Roberto Romero:**

É incrível ter essa sensação mesmo desse Rio antigo, desse trânsito das ruas, as pessoas passando, de quem está na feira, de estar com o jornal impresso também na mão, eu também tenho muito essa sensação. E há também no seu texto uma musicalidade muito forte e incontornável. Você que também é ogã, músico, compositor. E lendo *O Corpo encantado das ruas* eu até brinquei que eu li com o YouTube aberto, e foi uma experiência incrível, aliás, super recomendo para quem tiver nos ouvindo e for ler, recomendo o livro *O Corpo encantado das ruas*, e essa leitura com o YouTube do lado, porque é maravilhoso poder ser acompanhado dos ritmos todos que você evoca. E acho que mais do que isso, mais do que só uma referência à música, há um esforço de trazer a música como uma forma de elaboração do pensamento e de uma expressão do pensamento formulado nas tradições culturais de matriz africana. Então eu queria te ouvir também sobre essa relação com a música no seu trabalho, em particular na sua vida, e nas afroreligiões de maneira mais ampla.

**Luiz Antonio Simas:**

Bom, eu sou um sujeito que escuto mais o mundo do que vejo. Então a minha relação com o mundo se dá mais pelo ouvido do que pela visão. E eu cresci num ambiente, que é um ambiente de terreiro, em que a música está muito presente. Você conta histórias através da música, você evoca o mistério através da música, você se diverte através da música, você brinca através da música, você reza através

da música. A musicalidade sempre teve muito presente na minha vida. E a minha família também, além do terreiro da minha avó, ela acabou sendo uma família muito ligada ao samba e ao carnaval. Família de pernambucanos, minha mãe é pernambucana, meu tio falecido que era meu padrinho pernambucano, minha tia pernambucana, meu tio foi presidente de bloco, teve ala em escola de samba, depois virou presidente de uma escola de samba de um grupo de acesso do Rio de Janeiro. Então sempre foi uma vida muito ligada à música. E na minha casa é curioso: eu cresci numa casa sem livros. Na minha casa não tinha livros, se tivesse uns 5 livros era muito. Não era uma família letrada, era precariamente letrada – o primeiro que terminou o Ensino Médio para entrar numa universidade foi eu – então o livro não era uma referência. Em compensação, o que tinha de disco era um troço impressionante. E em relação às sabedorias africanas, como recentemente Nei Lopes e eu escrevemos num livro que a gente lançou, *Filosofias africanas: uma introdução*, a música acompanha todos os momentos da vida. Então você tem música para nascer, você tem música para casar, você tem música para sair na porrada, você tem música para morrer, você tem música para entrar na adolescência, para trabalhar. Então a música está o tempo todo presente na sua vida, ela interage muito com você. E isso repercutiu na minha escrita. Eu tenho sim uma preocupação de ter um texto ritmado, vem da minha infância, vem do ambiente que eu convivi, e vem do fato de eu escutar música o tempo todo, o dia inteiro. Então acho que isso reflete no texto.

#### **Roberto Romero:**

Perfeito, e tem algo no seu texto, na sua escrita, na sua fala também, algo que dialoga muito com uma certa história e uma certa corrente da própria tradição do pensamento social brasileiro, digamos assim. E eu acho interessante, porque também é muito provocadora essa relação com essa tradição sociológica ou antropológica mais canônica. E eu fiquei pensando na figura do próprio espaço do terreiro, e pensando aqui nas fabulações da rua, que há nessa tradição do pensamento social brasileiro essa oposição muito sedimentada entre a casa e a rua, esse é até o título de um livro famoso, do Roberto DaMatta. E eu fiquei curioso, porque eu acho que de certa forma o terreiro desestabiliza um pouco essa certa oposição entre público e privado. E fiquei curioso para te ouvir a esse respeito, como que essa oposição funcionaria se a gente substituísse esse lugar da casa pelo terreiro e o que as comunidades de terreiro poderiam nos ensinar sobre essa relação também com o espaço público.

#### **Luiz Antonio Simas:**

Eu acho que essa oposição entre a casa e a rua, que já é um clássico, é muito burguesa, é um olhar muito lançado pela burguesia brasileira. Na verdade, fala sobre a burguesia brasileira ou sobre uma pequena classe média urbana, ou coisa que o valha. Vou te dar um exemplo: existem muitos trabalhos que trabalham com a ideia de que, por exemplo, na área em que eu me sinto mais confortável, que é a Primeira República, a virada do XIX para o XX, que é ali que eu acho que está o balacobaco do Brasil. Naquele contexto, é muito comum que se diga que havia uma oposição muito grande entre a casa e a rua, o público e o privado, a rua como o espaço masculino e a casa como o espaço feminino. Mas depende. Por exemplo, a casa como um espaço feminino. De que mulher você está falando? Se você for falar, por exemplo, das mulheres ligadas às tradições afro-brasileiras e ligadas a terreiros, o espaço delas era a casa, mas era a rua também o tempo inteiro. Você vai pegar, por exemplo, as grandes tias do samba, estão todas na rua. Você vai pegar uma Tia Ciata, ela tinha um tabuleiro de doces na esquina da rua 7 de Setembro com Uruguaiana, no Rio de Janeiro. Você vai pegar a Tia Prisciliana de Santo Amaro da Purificação, que era mãe de João da Baiana, Tia Amélia mãe de Donga, Tia Carmen do Xibuca, essas mulheres negras dos matriarcados de terreiro estavam o tempo inteiro na rua, porque fundamentalmente elas estavam ligadas à culinária do dendê. Então viviam disso, de colocar a barraca na rua, de estar participando da Festa da Penha, de estar vendendo comida, vendendo guloseima, vendendo uma porção de coisas. Então essa oposição casa-rua, eu não sei se dá conta do Brasil que eu estudo, por exemplo. E na perspectiva do terreiro, ela não faz muito sentido, até porque como eu costumava dizer, a rua é terreirizada o tempo todo. Então a rua, muitas vezes, é entendida como um espaço estendido da própria ideia de terreiro. O que eu chamo de terreiro? É qualquer espaço

praticado na dimensão do encantamento do mundo, que pode ser o chão, que pode ser a esquina, que pode ser a praça, a praia, que pode ser o corpo. Então eu acho que se a gente pensa em terreiro, essa dicotomia tem que ser problematizada, até porque as dicotomias são muito caras a uma certa inflexão, a um certo pensamento bem ocidentalizante. A dicotomia entre o corpo e o espírito, a dicotomia entre a mente e a intuição, a dicotomia entre a razão e a espiritualidade, a dicotomia entre a salvação e o pecado. Mas agora quando você pensa em saberes outros, não tem muita pertinência. O sagrado e o profano, por exemplo, não são dicotômicos de forma nenhuma. Você sacraliza o profano e profana o sagrado o tempo inteiro. Então você está sacralizando muitas vezes a rua e está profanando a sua casa, ou você está sacralizando a casa e profanando a rua. Então é dessas experiências que a gente vai sendo feito.

#### **Roberto Romero:**

E Simas, para a gente já caminhar para a conclusão da nossa conversa, eu queria falar agora de Carnaval, é claro! Estamos caminhando para o segundo ano de pandemia, não sabemos ainda o que esperar, o que vai ser do Carnaval no ano que vem. Mas, ao mesmo tempo, muita gente ralha quando a gente toca nesse assunto dizendo que “não é hora de falar de Carnaval” e você sempre rebate, lembrando que a festa também tem tudo a ver com a morte ou com a consciência de uma vida breve, uma consciência profunda que está expressa na festa e na alegria.

#### **Luiz Antonio Simas:**

Eu insisto sempre numa ideia: a ideia de que a festa não acontece porque a vida é boa, a festa acontece pela razão inversa. A festa em geral acontece porque não é boa. Até porque se fosse boa, você não precisava de festa nenhuma. E mais do que isso, eu acho que a festa tem um sentido, sobretudo nas sociedades industriais a partir do avanço do capitalismo, a partir do avanço da industrialização, a festa é uma instância de reconstrução da ideia de ser coletivo. Porque a gente vive num mundo muito marcado pela individualização, muito marcado pelo tempo do relógio, muito marcado pelo tempo do trabalho, muito marcado pela lógica produtiva. Então a gente vive experiências de despertamento o tempo todo. Essa indivisualização excessiva, exacerbada, que o tempo do trabalho traz e a industrialização traz, que o capitalismo industrial traz, tudo isso vem aí. E a festa adquire, portanto, uma função inclusive de organização social que eu acho extremamente relevante, que é mesmo a reconstrução dessa ideia de comunidade. Quando eu falo de festa, eu falo de festas orgânicas, não estou falando de evento. Estou falando de festas que organicamente estão inscritas na tradição, na experiência cotidiana, naquela que passa de mãe para filho, de pai para filha, de avô para neto. Então existe uma dimensão na festa que ocupa esse espaço de reconstrução do sentido coletivo do ser. E sobretudo no mundo em que a gente tem cada vez mais comunicado, e menos comunidade, como diria Paulo Freire, isso daí não sou eu que digo, Paulo Freire falava isso, a festa tem esse sentido mesmo de reconstrução do ser comunitário. E mais do que isso, a festa traz realmente a urgência da nossa experiência que é muito curta, da nossa experiência aqui que no fim das contas é quase inexplicável, que diabos a gente está fazendo aqui? Isso daqui não tem sentido nenhum. Isso, evidentemente, não quer dizer que eu ache que no meio da pandemia a gente tem que fazer festa, tem que aglomerar, tem que fazer Carnaval. Até porque eu estou em casa o tempo todo. E acho realmente que a gente só deveria ter um Carnaval de rua em condições sanitárias que sejam exequíveis para que as pessoas brinquem com segurança. Porque quando eu falo da importância da festa, não é no sentido de uma maluquice completa de você se entregar à morte, não é isso. Não é aquela coisa do “*carpe diem* porque vou morrer daqui a duas horas”, pelo contrário. Mas é no sentido realmente de afirmação da vida contra a morte que nos espreita o tempo todo. Então acho que a festa está muito ligada a isso. A gente trabalha muito com a ideia de que o Carnaval vem do italiano *carnevalli*, a festa da carne, a despedida da carne, mas o Bakhtin por exemplo, buscava uma etimologia germânica para isso falando de *val*, nórdica, *val* é morte, e *carnevalli* seria “a festa dos deuses que já não existem”, é o que o Bakhtin propõe. E eu acho essa ideia, a celebração dos deuses mortos, muito bonita, porque de certa maneira no Carnaval nós celebramos de repente ou aquilo que a gente

efetivamente é, ou aquilo que a gente não é mas gostaria de ser. Então os sentidos da festa são muito amplos.

**Roberto Romero:**

Foi um prazer te receber aqui hoje, Simas, incrível conversar com você. Que esse Carnaval venha na hora que ele tiver de vir, mas que venha pois estamos todos precisando desse encontro coletivo e dessa afirmação da vida.

**Luiz Antonio Simas:**

Valeu, eu é que agradeço!

**Roberto Romero:**

Bom, e eu queria aproveitar esse clima de Carnaval, que cedo ou tarde vai tomar as nossas ruas de volta, para dizer que no próximo episódio a gente continua falando sobre música e rua. No terceiro e último episódio da temporada das Fabulações da Rua, vamos conversar com a pesquisadora Luciana Xavier. Ela conta como a música popular transforma a rua e como a rua também acaba influenciando a música. O papo vai estar bom e a gente se encontra por aqui! Eu sou Roberto Romero, e este foi o podcast *É Cultura?*, um podcast do BDMG Cultural em parceria com o Micrópolis.